



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Explorando o conceito de Integrated Rural Tourism–ITR e de Turismo de Aldeia nas Comunidades Pesqueiras do Estuário da Lagoa dos Patos- RS, Brasil.

Adriana Fumi Chim Miki¹
Juliana Fuscaldo Cardoso Cainelli²

Resumo

Este artigo baseia-se no conceito de ITR (Integrated Rural Tourism) e turismo de Aldeia objetivando o uso destes conceitos como ferramenta de desenvolvimento endógeno. Usando uma metodologia de análise qualitativa de marco transversal num entorno de aplicação real, a investigação buscou verificar junto às comunidades pesqueiras urbanas que habitam os arredores do estuário da Lagoa dos Patos sua participação efetiva na cadeia turística existente nesses locais, bem como seu nível de satisfação e interesse no desenvolvimento da atividade turística. A partir de dados obtidos nas pesquisas de campo realizadas com estas comunidades, no âmbito do Projeto: Estratégias de adaptação dos pescadores artesanais da lagoa dos patos: a captura do siri e o turismo, verificou se havia existência dos pressupostos básicos do ITR e do turismo de Aldeia nestas comunidades. Outro item analisado foi a similaridade dos problemas enfrentados pelas comunidades rurais e pelas comunidades de pescadores urbanos. Os problemas gerados pelas alterações climáticas, somados a pesca predatória, têm afetado em muito as possibilidades de obtenção de renda por esta atividade. Uma das formas de renda complementar pode ser gerada é a partir do turismo receptivo dentro da noção proposta pelo ITR.

Palavras Chaves: ITR. Desenvolvimento endógeno. Turismo de aldeia. Pesca artesanal.

1. Introdução

O turismo tem um importante vínculo com os recursos naturais e o desenvolvimento econômico, podendo ser uma alternativa de incremento de renda para comunidades que necessitam buscar novas frentes de crescimento. Esta importância decorre do turismo ter a capacidade de permear e integrar as economias locais e regionais, levando benefícios de renda direta para as localidades, desenvolvendo associações e sinergias.

¹ Doutoranda em Perspectivas científicas del Turismo y Gestión de empresas Turísticas por la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, España. Mestre em Geografia, com a linha de investigação Desenvolvimento Urbano-regional, pela Universidade Federal de Rio Grande - Brasil (FURG). Especialista em Gestão Ambiental em Municípios, professora de Gestão Ambiental Empresarial e Empreendedorismo, Consultora de empresas. Graduada em Administração de empresas (FURG). e-mail: adriana.chim101@doctorandos.ulpgc.es

² Doutoranda em Turismo Integral, Interculturalidad y Desarrollo sostenible por la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, España.. Especialista em Gestão Empresarial pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Empresaria do segmento turístico. Graduada em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). e-mail: juliana.fuscaldo101@doctorandos.ulpgc.es



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Atualmente, muitos trabalhos têm explorado o conceito de **Integrated Rural Tourism** (IRT) como instrumento de desenvolvimento de regiões atrasadas economicamente. Neste artigo, a noção de IRT será baseada na promoção das redes sociais e dos recursos locais de forma conjunta entre os agentes locais, mantendo o econômico, social, cultural, natural e humano (SAXENA e ILBERY, 2008; GOODMAN, 2004; MARSDEN et al, 2002).

Outro conceito que se desenvolve neste contexto, é o Turismo de Aldeia. O crescimento desta modalidade de turismo tem sido gerada pela alteração do comportamento do consumidor, o qual passa a buscar um mercado mais especializado, centrado em atividades específicas que podem ser desenvolvidas a nível local (NOVELLI *et al*, 2006).

Objetivando verificar a inserção do turismo nas comunidades pesqueiras urbanas aplicou-se uma adaptação dos conceitos de ITR, e de Turismo de Aldeia a realidade de comunidades que tem sua subsistência proveniente do setor de pesca artesanal, e passam por dificuldades econômicas para sua subsistência. Estas modalidades de turismo foram verificadas no estuário da Lagoa dos Patos-RS em suas comunidades de pescadores inseridos na zona urbana dos municípios de Rio Grande, São José do Norte, Pelotas e São Lourenço no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Representam aproximadamente 10.000 pescadores (REIS, 1999), com sistemas pesqueiros variados.

Estas comunidades têm sua subsistência baseada na pesca artesanal, porém devido a fatores gerados pelas alterações climáticas que somado a pesca predatória, tem afetado em muito as possibilidades de obtenção de renda por esta atividade. Uma das formas de renda complementar pode ser gerada é a partir do turismo receptivo.

2. ITR (Integrated Rural Tourism) e turismo de Aldeia gerando o Turismo de aldeias pesqueiras

No geral, a questão do turismo no Brasil em áreas de comunidades pesqueiras tem sido abordada de forma tangencial (BARRETO, 2001), como determina o autor em “plataformas de advertência”, onde a questão é tratada no contexto de análise da lógica de mercado capitalista, ressaltando os efeitos negativos sobre o ambiente. Ou é tratada em “plataformas de adaptação”, onde que se preocupa em medidas mitigadoras do efeito nocivo do turismo, porém deixa de lado o próprio turista. Outros autores (JAFARI, 1997), trabalham a “plataforma da vertente do conhecimento”, que busca a complexidade deste



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

processo de lógica de mercado com as respostas culturais da comunidade inserida, uma tentativa de entender o turismo como fenômeno social, e será nesta vertente que desenvolveremos nossa linha de investigação.

Recentemente a importância da participação e controle local tem sido reconhecida, sendo a integração definida pelo percentual de participação da população local empregada no setor, no grau de participação destes na tomada de decisão e na propriedade dos recursos do setor turístico local (BRIEDENHANN e WICKENS, 2004; STEM et al, 2003). Alguns atores podem ser mais ou menos integrados no turismo que outros, porém a noção de integração constitui um meio de pensar caminhos para um êxito conjunto dos atores e recursos, através de estratégias de cooperação. Por outro lado, IRT contextualiza uma metodologia de investigação que se relaciona com os múltiplos atores (SAXENA e ILBERY, 2008).

O conceito de turismo rural integrado pressupõe uma combinação de serviços a residentes e turistas, gerando fomento econômico, inovação e melhorias de qualidade de vida. Este conceito é desenvolvido através da construção de redes locais, dinâmicas sociais formais e informais, de desenvolvimento do espírito empreendedor, melhoria do conhecimento sobre o turismo, manutenção dos costumes e cultura local.

Outro conceito adaptado a este trabalho foi o de Turismo de Aldeia, por sua similaridade com estas comunidades urbanas, porém tipicamente aldeãs. Usou-se como base, o trabalho da Rede Europeia de Turismo de Aldeia, originado dentro do âmbito do projeto “Learning Sustainability”, coordenado pela Região de Turismo de Évora, através da união entre várias instituições europeias (RODRIGUES e RODRIGUES, 2008). O território rural é constituído por características culturais, sociais e econômicas que resulta em diversidades, porém em todo o mundo estão sofrendo com a marginalização, falta de oportunidades de desenvolvimento e envelhecimento da população. Estas mesmas características são encontradas em aldeias de pescadores, sejam elas em áreas rurais ou urbanas. O desenvolvimento do turismo rural baseado em teorias “bottom-up” (estratégias de baixo para cima), tem vindo a ganhar alguma popularidade nos últimos anos em que a exploração das potencialidades endógenas das regiões envolvidas tornou-se um elemento fulcral (RODRIGUES e RODRIGUES, 2008). Neste trabalho, estenderemos o turismo de aldeia para além das áreas rurais, para áreas urbanas com similaridade de condições culturais e econômicas.



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Associado a estes conceitos existe vasta literatura sobre a inserção da interação turística no núcleo receptor, que analisam a substituição do turismo de ver pelo turismo de conviver. Esta modalidade requer mais tempo em cada lugar, postura experimental por parte do turista. Neste aspecto, as comunidades analisadas estão inseridas num agroecossistema insular estuarino com potencial para a esta prática de turismo.

Uma opção a ser abordada e que foi encontrada entre as colônias de pescadores é relatada por Molina (1987), como sendo “*community-based-ecotourism*”, este conceito se refere à empresas ecoturísticas gerenciadas pela própria comunidade. Esta situação nos remete as considerações feitas por Hernández (1996), sobre a revalorização da cultura local, proteção do meio ambiente, preservação dos recursos naturais e sociais pela potencialização do turismo como dinamizador do desenvolvimento local. Este mesmo autor salienta que os agentes sociais, públicos e privados, devem tomar consciência disto e propor linhas de trabalho e pesquisa para contribuir com o desenvolvimento de bases firmes e viáveis a longo prazo.

3. O caso das comunidades pesqueiras do estuário da Lagoa dos Patos, a captura do siri e o turismo: Metodologia e resultados.

As principais comunidades pesqueiras no Estado do Rio Grande do Sul (Figuras 1 e 2) estão sob jurisdição de colônias de pescadores e sindicatos, sendo que na área deste estudo, se distribuiu entre as colônias Z-1 (sede no município de Rio Grande), Z-2 (sede no município de São José do Norte), Z-3 (sede no município de Pelotas) e Z-8 (sede no município de São Lourenço do Sul). Cada uma dessas jurisdições comporta vilas de pescadores de áreas distintas, sendo que a Colônia Z-1 engloba os pescadores da Ilha da Torotama, Ilha da Marambaia, 4ª. Secção da Barra, Cassino e Capilha. Na Colônia Z-2 estão as comunidades de Várzea, Capivaras, Passinho, Praia do Norte, Cocuruto, Pontal da Barra, Quinta Secção da Barra, Povoação da Barra, Retiro e Barranco. Na Colônia Z-3 encontramos as comunidades de Arroio Sujo e Pelotas, e por final na Colônia Z-8 estão as comunidades de Barra, Barrinha e Tapes. As comunidades possuem características diferentes entre si, porém homogêneas em seu interior quanto a sua organização, relações de trabalho, organização social, comercialização de produtos e estilo.

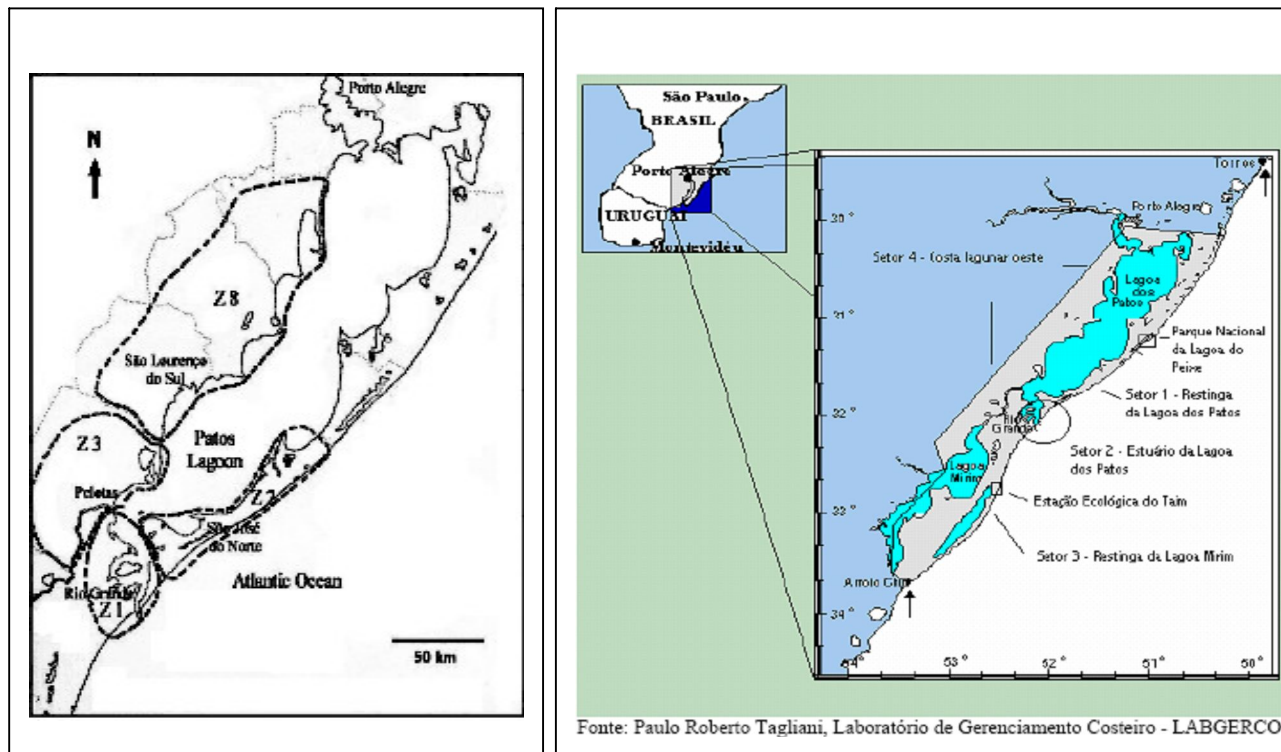


Figura 1 e 2: colônias de pesca do estuário da Lagoa dos Patos - RS

Baseado em visitas aos locais, entrevistas em profundidade, questionários semi-estruturados e registros fotográficos se observou as diferentes participações destas comunidades no setor turístico comparativamente com o nível de desenvolvimento turístico do município que estão inseridas.

Foram utilizados dados primários e secundários, sendo que os primários se obteve por meio de questionários semi-estruturados com os pescadores de cada comunidade e entrevistas em profundidade em nível qualitativo (CRESWELL, 1994; CZAJA e BLAIR, 1996) aplicadas as lideranças comunitárias, entre eles, os presidentes de cooperativas de pescadores, presidentes de associações do bairro e conselheiros comunitários das igrejas das comunidades. O objetivo dos questionários e das entrevistas foi verificar a existência de atividades turísticas e o posicionamento da comunidade quanto a isto, bem como a identificar a existência de uma rede interna em prol do turismo receptivo. O levantamento fotográfico dos pontos turísticos e do patrimônio cultural também foi considerado como dado primário em esse estudo. Quanto aos dados secundários utilizou-se uma revisão de literatura, análise das políticas públicas municipais, estaduais e federais para o setor turístico rural, revisão de artigos científicos e projetos de pesquisa relacionados ao setor.



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

A linguagem usada nos questionários foi adequada ao público-alvo, evitando distorções ocasionadas por um ruído de comunicação. Os mesmos foram previamente testados para verificar o real entendimento das questões. A amostragem foi estratificada, e em cada subgrupo considerou-se escolhas aleatórias para os questionários, entrevistando-se elementos da população que se encontravam nas principais ruas dos povoados e nos cais de atracação dos barcos pesqueiros, evidenciando sua relação com a atividade de pesca. Os dados primários foram submetidos à análise estatística descritiva com medidas de posição, para determinar a frequência das variáveis observadas em cada comunidade, a fim de obter a sua inserção na cadeia turística local.

Quanto às entrevistas em profundidade, buscou-se um maior contato com a realidade local, através das suas lideranças e um entendimento dos problemas vividos. A duração das entrevistas variou de uma (1) a duas (2) horas, tendo sido registrado pelo turismólogo que estava conduzindo as entrevistas com a permissão dos entrevistados.

A aplicação dos questionários foi realizada durante dez (10) saídas de campo, nos meses de junho a setembro de 2008, totalizando 75 pescadores entrevistados (Tabela 1) e 10 entrevistas em profundidade:

Tabela 1: Distribuição da amostragem por Colônia de pescadores

Colônia / Município	Nr. questionários	Nr. Entrevistas em profundidade
Z-1 (Rio Grande)	29	3
Z-2 (São José do Norte)	21	3
Z-3 (Pelotas)	10	2
Z-8 (São Lourenço do Sul)	15	2
Total geral de questionários	75	10

Fonte: os autores

Objetivando atender os pressupostos da pesquisa foram utilizadas 19 questões elaboradas para atender os seguintes critérios:

- a) Obtenção do perfil do entrevistado, idade, nível escolaridade, tempo de convívio na comunidade, e principal ocupação/fonte de renda.
- b) Percepção do entrevistado quanto aos gargalos econômicos da localidade.
- c) Percepção do entrevistado quanto às potencialidades econômicas da região.
- d) Grau de satisfação com a atividade pesqueira.
- e) Grau de aceitação da atividade turística e avaliação da atividade quanto aos aspectos negativos e positivos.



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

- f) Determinação da forma de comercialização dos produtos pesqueiros.
- g) Determinação da participação na cadeia turística e do reconhecimento da existência de infra-estrutura para o turismo.
- h) Reconhecimento de condições de desenvolvimento da atividade turística através de iniciativas da população local.

Nas entrevistas realizadas destaca-se como grande gargalo da atividade pesqueira a escassez de pescado na zona costeira, e a falta de capacitação entre a comunidade para o desenvolvimento de outras atividades econômicas. Em alguns lugares somam-se as dificuldades de acesso. Verificou-se nas entrevistas que o sentimento de estagnação é um fato recorrente no discurso das pessoas, que apresentam baixa auto-estima e redução da capacidade de empreendedorismo, excetuando-se as comunidades de Barrinha e Povoação da Barra em São José do Norte, e a do Porto do Rey na Ilha dos Marinheiros em Rio Grande, as quais demonstraram uma capacidade empresarial para o desenvolvimento de community-based-ecotourism (MOLINA, 1987), com algum grau de empreendimentos em ação.

A pesca artesanal esta ligada a agricultura familiar, formando a tipologia pescador-agricultor, numa condição de subsistência para os meses de ano em que não se pode desenvolver a pesca. A captura do siri aparece nestes sistemas como uma espécie secundariamente capturada, juntamente com o peixe-rei, o linguado e o bagre. Pelas entrevistas se pode concluir que poucos pescadores fazem captura de siri, que é feita durante o ano todo, mas com maior quantidade no verão, tornando esta espécie uma fonte de renda para quando não há possibilidades de outras capturas. Nos restaurantes e peixarias a carne de siri tem demanda garantida, sendo bastante apreciada pelos visitantes de outras regiões.

A seguir iremos especificar o perfil de cada colônia de pescadores analisadas. Em função do grande número de informações obtidas não será possível apresentá-las na integra, desta forma, será descrito os principais resultados, e os autores colocam-se a disposição para fornecer um maior detalhamento aos interessados.

3.1 Colônia Z-1

Esta colônia tem sede no município de Rio Grande-RS, e compõe-se das comunidades de Ilha da Torotama, Ilha da Marambaia, 4ª. Secção da Barra, Cassino e Capilha. De acordo com o Diagnóstico do Setor Pesqueiro do RS elaborado pela Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), esta colônia conta com aproximadamente 4.000 pescadores, sendo 3.600 associados. Entre os sistemas de pesca



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

encontrados estão os pescadores profissionais exclusivos de águas interiores do estuário, residentes afastados dos centros urbanos, residentes próximos a centros urbanos, ou residentes em área urbana. Também presente o pescador-agricultor residente em áreas rurais do entorno do estuário da Lagoa dos Patos.

Nesta amostragem se confirmou à questão do envelhecimento populacional, com o pico no extrato de indivíduos entre 41 a 50 anos de idade (41,4%). O segundo estrato que se salienta é o de 51 a 60 anos com 34,5%. Mais de 50% da amostra não tem o ensino fundamental concluído, o que afeta sua inserção em outras atividades laborais. Apresentam uma boa fixação no município, pois 65,5% residem a mais de 10 anos na comunidade. Quanto a atividade econômica principal 62% sobrevivem da pesca, e outras atividades encontradas têm relação direta com a atividade pesqueira, pois são pequenos comércios de beneficiamento e vendas de pescado, ou armazéns locais, bem como a presença de agricultura familiar. No entanto, 69% dos entrevistados relatam estarem insatisfeitos com a atividade pesqueira. Entre as questões, buscou-se saber a existência de inserção na cadeia turística, verificando que nos meses de verão, 41,4% trabalham na cadeia turística, através de fornecimento de pescados a restaurantes, acompanhamento de turistas para pescarias em barcos, passeios náuticos, venda de produtos da pesca diretamente a turistas e 10% dos casos relatados foram trabalhos sazonais em atividades auxiliares de pousadas e restaurantes, realizados principalmente pelas esposas dos pescadores com sua culinária típica.

3.2 Colônia Z-2

Esta colônia tem sede no município de São José do Norte-RS, e compõe-se das comunidades da Várzea, Capivaras, Passinho, Praia do Norte, Cocuruto, Puntal da Barra, Povoação da Barra, Retiro e Barranco. De acordo com o Diagnóstico do Setor Pesqueiro do RS elaborado pela Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), esta colônia conta com aproximadamente 4.940 pescadores, sendo 3.800 associados. Os sistemas artesanais identificados foram de pescadores profissionais exclusivos que vivem próximos a centros urbanos ou em áreas relativamente bem desenvolvidas, e pescadores profissionais exclusivos em águas interiores e águas marinhas costeiras e que residem próximos ao canal de acesso do Rio Grande. A captura do siri aparece nestas áreas da mesma forma que na análise da Colônia anterior, como uma espécie secundariamente capturada.

Quanto à estratificação etária, mais de 80% da população possui mais de 50 anos de idade, 47,6% não concluiu a escola fundamental, mantém uma boa fixação no município.



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Igualmente a Colônia anterior apresenta um desgosto com o retorno da atividade pesqueira, que é sua principal fonte de subsistência. Sua relação com a cadeia turística é baixa, porém foi encontrados casos de hospedagem de turistas para pescarias de final de semana, juntamente com o aluguel de barcos e acompanhamento.

3.3 Colônia Z-3

Esta colônia tem sede no município de Pelotas-RS, e compõe-se das comunidades de Arroio sujo e Pelotas. De acordo com o Diagnóstico do Setor Pesqueiro do RS elaborado pela Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), esta colônia conta com aproximadamente 1.144 pescadores, sendo 884 associados. Os sistemas artesanais usados são os de pescadores profissionais exclusivos, que residem próximos aos centros urbanos ou em comunidades relativamente bem desenvolvidas. A distribuição etária desta comunidade difere das anteriores, pois apresenta uma população mais jovem. Outra diferença foi encontrada no nível de escolaridade, pois nesta Colônia, 30% completaram o ensino fundamental e 20% completaram o ensino médio. Cruzando os dados com o tempo de residência, observa-se que tanto a idade como o nível de escolaridade deve-se ao fato da existência de migrações recentes do centro da cidade de Pelotas-RS para a Colônia de pescadores. Quanto a principal atividade econômica a pesca divide espaço com o trabalho assalariado nos comércios mais próximos ao centro Urbano. Juntamente como o dado anterior indica estar havendo uma mistura de população urbana a procura de locais de moradias de mais baixo custo, porém mantendo sua atividade no centro da cidade. Apresenta baixa participação na cadeia turística local.

3.4 Colônia Z-8

Esta colônia tem sede no município de São Lourenço do Sul-RS, e compõe-se das comunidades de Barra, Barrinha e Tapes. De acordo com o Diagnóstico do Setor Pesqueiro do RS elaborado pela Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), esta colônia conta com aproximadamente 1.424 pescadores, sendo todos associados. Os sistemas artesanais usados são de pescadores com alta organização interna, com ótima representatividade de seus interesses, possuem calendário de pesca singular frente as outras colônias analisadas. Executam pesca de água doce e também dos recursos marinhos estuarino-dependentes.

A distribuição encontrada nesta Colônia demonstra uma amostra da população com mais de 50% dos indivíduos trabalhando na atividade pesqueira com idade superior a 50



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

anos. De modo geral, observa-se uma elevação nos níveis de escolaridade comparativamente às colônias Z-1 e Z-2, o que pode ser causado pela proximidade do centro urbano, e da organização social entre a classe de pescadores. Demonstrem alto grau de insatisfação com a atividade pesqueira, e inserção em outras atividades, entre elas o comércio, agropecuária e aposentadorias do Regime Geral da Previdência. Inseridos na cadeia turística local através de fornecimento de pescado aos turistas, que em período de veraneio são muito presentes, passeios de barcos, organização de pescarias para grupos, e traslado de passageiros entre os dois lados da área de lazer, camping e orla marítima.

Na avaliação geral de todas as colônias de pescadores desta amostragem, um dos itens do questionário buscava verificar qual a percepção e expectativas dos atores locais frente às atuais atividades do turismo na sua localidade. Observou-se que a maioria, dos entrevistados, considera benéfico por gerar melhorias na comunidade. A população destaca as melhorias para a comunidade, pois principalmente na época de veraneio as prefeituras municipais mantêm as estradas de acesso em boas condições e limpas, assim como mantêm serviços de recolhimento de lixo na beira da lagoa. Este fato se deve principalmente a presença de Camping municipal próximos as Colônias.

Todavia, em torno de 40% dos entrevistados ainda não consegue ver pontos positivos no turismo devido à insipiência da atividade na região. Os dados demonstram a realidade encontrada nas localidades, cuja participação na cadeia de serviços turísticos dos municípios ainda é muito baixa, restringindo-se ao fornecimento de pescado para turistas ocasionais que venham a frequentar suas peixarias, e em raros casos o acompanhamento de passeios de barcos. Por outro lado, os pontos negativos avaliados pela comunidade das atuais atividades turísticas ocorridas nas Colônias destacaram além da insipiência da atividade, a relação com os danos ambientais. Também foi apontada a baixa empregabilidade de mão-de-obra, e 7% dos entrevistados considerou negativo por perturbar a vida local. Os dados coletados indicam uma visão de responsabilidade ambiental e social, e um temor a que o turismo colabore para uma maior degradação do ambiente em que vivem, o qual já está sofrendo esta situação pelo manuseio inadequado dos recursos naturais e as alterações climáticas em curso.

A seguir destacaremos alguns relatos obtidos nas entrevistas em profundidade, que confirmam a análise dos dados obtidos nos questionários.



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Na Colônia Z-2 foi averiguado a existência de uma capacidade de empreendedorismo, associativismo em algumas comunidades e muita disposição para o novo. Uma das entrevistas foi feita com o grupo de mulheres da Legião de Maria na comunidade de Pontal, da Igreja de Santa Terezinha do Menino Jesus. Esta comunidade realiza festas nos meses de janeiro (festa de Santa Terezinha) e em maio (Festa de N.S. do Rosário). Segundo os relatos *“estas festas vem gente de tudo que é lado, do interior e da cidade, até das outras cidades também.”* A paróquia conta com salão de festas onde realiza bailes para a comunidade, jantares e churrascos. *“No dia da última festa tava tão cheio que não dava mais de dançar, tinha discoteca com conjunto e tudo.”* (esposa de pescador, 49 anos, moradora da Barra) Atualmente estão fazendo a reforma do salão para a festa dos 50 anos da comunidade. Para a arrecadação de fundos vendem espaços de divulgação comercial nos bancos da paróquia, além de espaços de comercialização de produtos durante as festas. O grupo senhoras faz artesanatos para comercializar nas feiras e eventos.

As comunidades se mostram muito receptivas e traçam comentários do tipo: *“é uma pena, temos estrutura parada no tempo do defeso (época em que fica proibida a pesca), mas não tem muita gente que venha por estas bandas para fazer passeios no mar. O Farol da Barra e o Farol Atalaia é que sempre atrai gente da cidade, mais tem gente que nem sabe que é lá que fica a igreja mais velha de São José do Norte”*. (Agricultor-pescador, 58 anos, da localidade da Povoação da Barra, Colônia Z-2).

Outro fato destacável nas entrevistas foi à demonstração de consciência ambiental desenvolvida. Em entrevistas com moradores das localidades de pescadores da Colônia Z-8, junto a presidente da Pastoral, Pesca e Cooperativa, em companhia de outros dois pescadores, um ativo e outro aposentado, foram registrados depoimentos do tipo: *“a limpeza da orla é o pescador que faz, tem muita falta de consciência no povo da cidade, aí quando o tempo esquenta o povo daqui se junta pra fazer a limpeza”*. (morador local, pescador aposentado).

“Até pescador é as vezes um cara porco, e joga lixo no mar.” (pescador da localidade da Quinta em São José do Norte)

“Plástico que é danado, isso é que foi a pior invenção. Esse papel não termina nunca. O cara tira um peixe da rede e dez sacolas plásticas.” (pescador, da localidade da Barra, em São José do Norte).



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

As entrevistas realizadas na Colônia Z-1, e nas áreas urbanas com pescadores no município de Rio Grande, demonstraram que a atividade turística está mais inserida nesta Colônia do que na Colônia Z-2. No entanto, há uma grande diferença entre a organização comunitária nas diferentes comunidades pesqueiras que formam a Z-1. Na Ilha dos Marinheiros já existe turismo consolidado, atividade gerenciada pela própria comunidade, e uma satisfação pela triangulação das atividades pesca-agricultura-turismo, onde os produtos se complementam na recepção do turista.

Na Colônia Z-3, em Pelotas, as entrevistas demonstraram que a comunidade não acredita ter condições de se inserir na cadeia de serviços turísticos, pela sua falta de qualificação e pelas condições dos seus equipamentos de pesca, principalmente os barcos. Entre os depoimentos, encontramos: *“quem vai querer se arriscar a andar com a gente, não tem segurança e se vamu comprar tudo que é exigido... não tem como... nem querendo... a gente não tem dinheiro pra isto. Sabemo que é importante a segurança, até pra nós, mas fazê o que... é muito caro.”* (depoimento de pescador na Colônia Z-3).

Na Associação das Amigas da Lagoa, que funciona junto ao Camping Municipal, as entrevistas resultaram em comentários a respeito dos programas municipais realizados para qualificar o pescador, com cursos para passeios de pesca e turismo receptivo, dos quais muitos pescadores participaram. Este programa foi muito elogiado pelos moradores, porém salientam que não resultou em nada ainda para eles. *“A gente sabe que o turismo é bom, e se ganha dinheiro, mas é difícil conseguir entrar... cooperativa de turismo aqui ainda não tem, e o pescador tá com idade avançada, nosso povo não tá se renovando, os filhos se marcham e vão embora para cidade. Também não queremos que eles fiquem e passem dificuldade.”* (depoimento de moradora local, da Associação das Amigas da Lagoa).

4. Conclusões

Os dados primários obtidos através dos questionários com os pescadores das diversas localidades pesquisadas demonstram que existe participação na cadeia turística, porém ainda insipiente. Pelas entrevistas em profundidade podemos observar que os moradores são bastante otimistas com essa atividade, e crêem que a implementação de infra-estruturas de estradas, como a recente BR 101, que liga a cidade de São José do Norte a capital do Estado, irá contribuir para a vinda de turistas da região metropolitana, com objetivo de pesca e culinária típica. Há uma conscientização quanto à poluição das águas e um sentimento de



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

impotência quanto a isto, porque mesmo que façam a constante limpeza das margens da lagoa, vem muito lixo da cidade, sendo as sacolas plásticas a maior queixa dos pescadores.

Detecta-se a queixa geral com relação à escassez de recursos pesqueiros, mas apesar disto foram encontradas comunidades com centros comerciais bem desenvolvidos, com lojas de vários tipos, mini-mercados, salões de festas e agências bancárias. As igrejas fazem um papel comunitário muito importante, com reuniões, clube de senhoras, aulas de artesanato, e organização de festas populares. Há uma clara intenção de tornar estas festas religiosas e populares como integrantes do calendário de eventos municipal, pois atualmente elas já geram público da cidade e contam com o apoio da municipalidade. Nas colônias, através do levantamento fotográfico pode ser observada a existência de patrimônio cultural material e imaterial que sirva de base ao desenvolvimento do turismo. Entre eles citamos: Igrejas, monumentos, casarios, festas típicas da comunidade, culinária portuguesa, frutos e bebidas típicas da região, artesanatos, trilhas ecológicas, fauna e flora muito diversificada, hábitos culturais do homem do campo, organização de eventos da comunidade, e possibilidades do turismo de sol e praia.

Todos os fatos relacionados nos parágrafos anteriores indicam uma excelente disposição para a utilização das estratégias de desenvolvimento baseadas nos conceitos de turismo de Aldeia, de Rodrigues e Rodrigues (2008), a exemplo do projeto da Rede Europeia de Turismo de Aldeia, com uso das Teorias de *botton-up*.

No entanto, os conceitos de ITR ainda carecem de uma melhor organização da rede local para que possa ser uma ferramenta de integração dos diversos atores. Cabe salientar, a pré-existência de uma cadeia de serviços turísticos com diferentes graus de consolidação nestes municípios, formadas a partir de empresas turísticas internas e externas, mas que não incluem o pescador. Desta forma, já existindo uma oferta turística torna-se mais difícil para os pescadores artesanais implementarem uma nova disposição nesta oferta de serviços. Restando aos pescadores criarem produtos inovadores para garantirem seu espaço nos mercados, e com isto poderem ingressar nesta cadeia de serviços turísticos. A raiz da inter-relação, da endogeneidade, capacitação e inclusão na tomada de decisões, pressupostos do Integrated Rural Tourism–ITR, ainda não estão se realizando nestas comunidades (THOMPSON, 1991).

As políticas nacionais em todos os países têm fomentado o desenvolvimento sustentável de regiões rurais através do turismo. No entanto, as comunidades urbanas que



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

vivem das atividades primárias estão marginalizadas das políticas de incentivo turístico. Estas não são propriamente urbanas, pois apesar de estarem em território urbano estruturam-se a partir da lógica rural. Ao final, não se enquadram nos programas de turismo rural, nem urbano. Neste sentido, as estratégias de marketing governamental e de turismo nem sempre estão coincidindo com a identidade destes locais. Os comportamentos arraigados na comunidade que estão a poucos quilômetros de distancia geografia estão à milhas de distancia da lógica e cultura capitalista vigente nos centros urbanos.

Sugere-se um acompanhamento destas comunidades para uma pesquisa longitudinal, juntamente com o redesenho das políticas municipais para o turismo, fomentando o uso do ITR aplicado às comunidades pesqueiras urbanas.

Consideramos que a partir deste trabalho começamos a desenhar a Aldeia urbana, tipificada na Aldeia de pescadores artesanais urbanos. Desta forma, sugerem-se outras investigações no âmbito de comunidades similares, pois existe uma insipiência de trabalhos publicados, apesar do Brasil por sua extensa costa possuir uma série de casos similares em outros estados da Federação.

5. Referências:

BARRETO, Margarita e BRANDUCCI, Alvaro jr. Orgs. **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. 5ª. Ed. Papirus Editora. Campinas,SP, 2001

BODEN, M. e MILES, I. **Services and the Knowledge-Based Economy**. London:Continuum, 2000.

BRIEDENHANN, J. ; WICKENS, E. **Tourism Routes as a Tool for the Economic Development of Rural Areas—Vibrant Hope or Impossible Dream?**. In: *Tourism Management*, v. 25, 2004, p.71–79.

CRESWELL, J.. **Research design: qualitative and quantitative approaches**. Beverly Hills, CA, USA: Sage, 1994, 228 pp.

CZAJA, R., & BLAIR, J. **Designing surveys: a guide to decisions and procedures**. Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press, 1996, 269pp.

DINIS, F. **Rural Tourism Impact in Local Economies – proportional income and employment multipliers (The case of Douro Region)**. Summer Institute 1999, Tourism Sustainability and Territorial Organization, Faro.



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

GOODMAN, D. Rural Europe redux? Reflections on Alternative Agro-Food Networks and Paradigm Change. In: *Sociologia Ruralis*, v. 44, 2004, p.3–16.

HERNÁNDEZ, O. A. Orientaciones para um desarrollo turístico sostenible con base en el turismo rural. Tesis – Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Master Internacional de Turismo. Editorial s.1: S.n., 1996. Disponível em Acesso eletrônico de ULPGC: https://vpn1.ulpgc.es/http/0/bibmdc.ulpgc.es/cdm4/item_viewer.php?CISOROOT=/POSTULPGC&CISOPTR=1899

JAFARI, Jafar. Tourism models: The socialcultural aspects. In: *Tourism Management*, jun/1997, p. 151-159

MARSDEN, T., J. BANKS; G. BRISTOW. The Social Management of Rural Nature: Understanding Agrarian-Based Rural Development. In: *Environment and Planning v.A* 34, 2002, p.809–825.

MOLINA, E. e RODRIGUEZ ABÍTIA,S. Planificación integral del turismo: Um enfoque para latinoamérica. México: Trillas, 1987.

NOVELLI, M., SCHMITZ, B. and SPENCER, T. Networks, clusters and innovation in tourism: A UK experience. *Tourism Management*, 27, 2006, p. 1141-1152.

REIS, E. G. Pesca artesanal na Lagoa dos Patos. História e administração pesqueira. P. 81 – 84 in Alves, F. N. (ed.) *Por uma história multidisciplinar do Rio Grande.* Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999, 241 p.

RODRIGUES, A. ; RODRIGUES, A. Turismo e Inovación en Espacios Rurales: estudio de caso del red Europea de turismo de aldea. In: *Turismo e análise*, v.20, abr-2009.

SAXENA, G.; ILBERY, B. Integrated Rural Tourism: A border case study. In: *Annals of Tourism*, v.35, nr 1, 2008, p.233-254.

SHARPLEY, R. Managing the countryside for tourism: a governance perspective in L. PENDER R. SHARPLEY ed. *The Management of Tourism.* Sage Publications, 2005, p.175-186.

STEM, C.; J. Lassoie; D. Lee; D. Deshler; J. Schelhas. Community Participation in Ecotourism Benefits: The Link to Conservation Practices and Perspectives. In: *Society and Natural Resources*, nr. 16, 2003, p.413–427.

SUDEPE – Superintendência de Desenvolvimento Pesqueiro. Diagnostico do Setor Pesqueiro do RS, 2003.

THOMPSON, G. Markets, Hierarchies and Networks: The Coordination of Social Life. London: Sage, 1991.